

Manual de Normas Técnicas

ORGANIZADORES:

Aleandro Lopes de Oliveira
Alessandra Venâncio Zulian
Rosângela Maria Barone
Valtencir Alves

FATEO

Faculdade Teológica Batista de Bauru
Instituição oficial da Convenção Batista do Estado de São Paulo

Aprovado pela Diretora Professora
Moema Crisóstomo Guimarães Vargas
Dezembro/2007

Revisado em Março/2008

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	2
1 FORMAS GERAIS DE APRESENTAÇÃO	3
2 ESTRUTURA DO TRABALHO ACADÊMICO	5
2.1 ELEMENTOS PRÉ-TEXTUAIS	5
2.1.1 CAPA (OBRIGATÓRIO)	5
2.1.2 FOLHA DE ROSTO (OBRIGATÓRIO)	5
2.1.3 EPIGRAFE (OPCIONAL)	5
2.1.4 RESUMO EM LÍNGUA VERNÁCULA (OBRIGATÓRIO)	6
2.1.5 SUMÁRIO (OBRIGATÓRIO)	6
3 ELEMENTOS TEXTUAIS	7
3.1 INTRODUÇÃO	7
3.2 DESENVOLVIMENTO	7
3.2.1 CITAÇÕES	8
3.2.2 NOTAS DE RODAPÉ	9
3.2.3 ABREVIATURAS	10
3.2.3.1 LIVROS DA BIBLIA	10
3.2.3.2 OUTRAS ABREVIATURAS	11
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	12
5 ELEMENTOS PÓS-TEXTUAIS	13
5.1 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	13
5.2 LIVRO	13
5.3 REVISTAS	15
5.4 JORNAL	16
5.5 INTERNET	16
5.6 TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC), DISSERTAÇÃO E TESE	17
6 ANEXOS	18
7 RESUMOS	19
7.1 APRESENTAÇÃO DE RESUMOS INDICATIVOS E INFORMATIVOS	19
7.2 APRESENTAÇÃO DE RESUMOS CRÍTICOS	20
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	21
APÊNDICES	22

APRESENTAÇÃO

Pesquisar, analisar, avaliar, refletir... Estudar e descobrir coisas novas é intrínseco ao ser humano. Contudo, o conhecimento precisa ser sistematizado e para tanto algumas normas ou padrões são importantes para que possamos pensar, escrever e transmitir o resultado de nosso esforço intelectual, com visual adequado, de forma que todos entendam.

A edição deste Manual vem comprovar a preocupação da FATEO com a confecção e construção dos saberes envolvidos na pesquisa. Em sua primeira edição, o Manual de Normas Técnicas, de forma simples e didática visa facilitar a elaboração de trabalhos acadêmicos e científicos, esclarecendo dúvidas de alunos, professores e pesquisadores quanto aos aspectos formais de elaboração dos diversos documentos e linhas básicas destas publicações.

As Dicas de Português aqui contidas foram elaboradas com o objetivo de ajudar o aluno a sanar algumas dúvidas imediatas. Sabemos que a linguagem se aprende pela seu próprio uso e aqui esta uma pequena parte, cabendo ao aluno incorporar ao seu cotidiano o estudo gramatical da língua.

A preocupação em desenvolver um manual acadêmico de normas técnicas adequado para auxílio dos discentes, é um sonho de muitos anos na Faculdade Teológica Batista de Bauru, chamada carinhosamente de "Fateo". Com o crescimento de seu acervo e a necessidade de auxiliar melhor os seus discentes, inaugurou-se o cumprimento desta lacuna histórica. Temos o grande regozijo de apresentar a todos o "Manual de Normas Técnicas da Fateo", desenvolvido especificamente para alcançar as necessidades dos nossos alunos. Parabéns a Todos.

Professor Aleandro Lopes de Oliveira
Professor Valtencir Alves
Professoras Alessandra Venâncio Zulian
Rosângela Barone

1 FORMAS GERAIS DE APRESENTAÇÃO

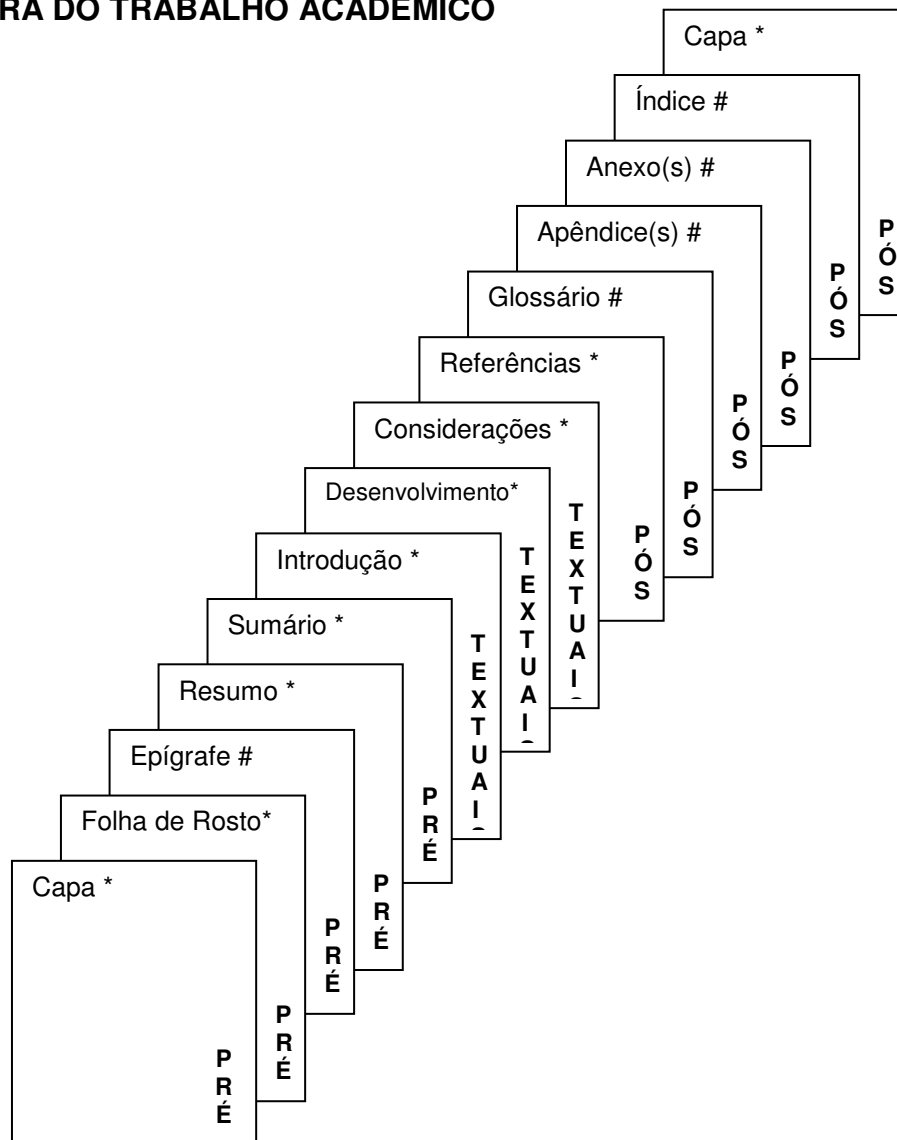
- ✓ Textos apresentados em papel branco, formato A4 (21 cm x 29,7 cm)
- ✓ Digitados somente no anverso das folhas.
- ✓ Impressos em cor preta, exceto ilustrações.
- ✓ As folhas devem ter margem esquerda e superior de 3 cm; direita e inferior 2 cm.
- ✓ Fonte Arial 12 para todo o texto, exceto citações mais de três linhas, notas de rodapé, paginação e legendas das ilustrações e das tabelas que devem ser digitadas em tamanho 10.
- ✓ Espacejamento de 1,5 entre linhas, exceto citações com mais de três linhas, notas e rodapé, referências, legendas das ilustrações e das tabelas, natureza do trabalho, objetivo, nome da instituição e área, devendo ser digitados em espaço simples.
- ✓ Todas as folhas a partir da folha de rosto devem ser contadas na seqüência, mas numeradas a partir da página da Introdução (parte textual) com algarismos arábicos (ex.: 1, 2, 3, etc). Coloca-se a numeração no canto superior direito da folha, a 2 cm da borda superior, ficando o último algarismo a 2 cm da borda direita da folha.
- ✓ Os títulos dos capítulos (seções) devem começar na parte superior da mancha, em nova página, e ser separados do texto que os sucede por dois espaços de 1,5 entre linhas. Da mesma maneira os subtítulos devem ser separados do texto que precede e que sucede por dois espaços de 15.
- ✓ Quando o título tiver um indicativo numérico, deve preceder o título, alinhado à esquerda, separado apenas por um espaço de caractere sem ponto, hífen, travessão ou qualquer sinal. Usando apenas ponto quando houver mais seções, devendo limitar a numeração até a seção quinária.

Exemplo:

Seção Primária	Seção secundária	Seção terciária	Seção quaternária	Seção quinária
1	1.1	1.1.1	1.1.1.1	1.1.1.1.1
2	2.1	2.1.1	2.1.1.1	2.1.1.1.1
3	3.1	3.1.1	3.1.1.1	3.1.1.1.1

- ✓ Quando o título não tiver indicativo numérico — agradecimentos, siglas, resumos, sumário, referências, anexo(s), etc — devem ser centralizados.
- ✓ Notas de rodapé devem ser digitadas dentro das margens, separadas do texto por um espaço simples e por filete de 3 cm, a partir da margem esquerda.
- ✓ Citações de mais de três linhas, utilizar recuo de 4 cm da margem esquerda.
- ✓ As referências devem ser separadas entre si por dois espaços simples.

2 ESTRUTURA DO TRABALHO ACADÊMICO



* = Elemento obrigatório

= Elemento opcional

2.1 ELEMENTOS PRÉ-TEXTUAIS

Os elementos pré-textuais são aqueles que antecedem o texto com informações que contribuem para a identificação e utilização do trabalho. É composto dos itens 2.1.1 a 2.1.5.

2.1.1 CAPA (OBRIGATÓRIO)

A capa é um elemento obrigatório que identifica o trabalho, deve conter as informações na ordem estabelecida:

- a) Nome da Instituição (opcional);
- b) Nome do autor: localizado à 3 cm da margem superior, centralizado, letras maiúsculas, fonte ARIAL 14:
- c) Título do trabalho: deve ser destacado dos outros elementos. Em letras maiúsculas, centralizado e no meio da folha, fonte ARIAL 14, negrito;
- d) Subtítulo: se houver, deve ser enviada a sua subordinação ao título principal, precedido de dois pontos;
- e) Local e ano: nas duas últimas linhas da folha, 2 cm acima da margem inferior, em letras minúsculas, centralizado, fonte ARIAL 12, (Ver APÊNDICE A).

2.1.2 FOLHA DE ROSTO (OBRIGATÓRIO)

A Folha de Rosto é a repetição da capa com a descrição da natureza e objetivo do trabalho, portanto, contém detalhes da identificação do trabalho na mesma ordem, acrescentando-se a natureza e objetivo do trabalho. Trata-se de uma nota explicativa de referência ao texto. Deve ser impresso em espaço simples, fonte 10, com o texto justificado e alinhado do meio da mancha para a margem direita.

- a) Nome do autor: responsável intelectual do trabalho;
- b) Título principal do trabalho: deve ser claro e preciso, identificando o seu conteúdo;
- c) Subtítulo: se houver, deve ser enviada a sua subordinação ao título principal, precedido de dois pontos;
- d) Natureza (neste caso trabalhos periódicos e TCC) e objetivo (aprovação em disciplina, grau pretendido e outros); nome da instituição a que é submetido; área de concentração; nome do orientador (no caso de TCC) em linha subsequente;
- e) Local (cidade) da instituição onde deve ser apresentado; O Ano de depósito (Ver APÊNDICE B).

2.1.3 EPIGRAFE (OPCIONAL)

Elemento opcional, o autor pode optar por uma citação, seguida de indicação de autoria, recomenda-se que esta citação deve estar de acordo com o tema do trabalho. Podem também constar epígrafes nas folhas de abertura das seções primárias (Ver APÊNDICE C).

2.1.4 RESUMO EM LÍNGUA VERNÁCULA (OBRIGATÓRIO)

Elemento obrigatório é uma síntese do trabalho, enfatizando seus principais pontos. Deve ser redigido na terceira pessoa do singular e do verbo na voz ativa e apresentando de forma clara, concisa e direta. Deve conter a informação referente aos objetivos, metodologia, resultados e conclusões do trabalho. Não deverá ultrapassar 500 palavras dentro de um parágrafo único e justificado.

O título RESUMO deve estar centralizado, letras maiúsculas, fonte 12, podendo ser em negrito.

O texto é apresentado com dois espaços abaixo do título, sem parágrafo e centralizado.

Recomenda-se que os resumos tenham as seguintes extensões:

- a) para notas e comunicações breves, os resumos devem ter até 100 palavras; b) para monografias e artigos, até 250 palavras;
- c) para relatórios e teses, até 500 palavras.

É necessário também acrescentar palavras-chave, no mínimo, 3 palavras (Ver APÊNDICE D).

2.1.5 SUMÁRIO (OBRIGATÓRIO)

É um elemento obrigatório, constituído pela enumeração das principais divisões, seções e outras partes do trabalho, na mesma ordem em que aparecem no seu desenvolvimento. Ou seja, deve conter, exatamente, os mesmos títulos, subtítulos que constam no trabalho e as respectivas páginas em que aparecem. O título SUMÁRIO deve estar em letras maiúsculas, fonte 12, centralizado, podendo ser em negrito. Após três espaços, serão grafados os capítulos, títulos, itens e/ou subitens, conforme aparecem no corpo do texto (Ver APÊNDICE E).

3 ELEMENTOS TEXTUAIS

Elementos textuais são partes do trabalho em que é exposta a matéria. São divididos em Introdução, Desenvolvimento e Considerações Finais (conclusão).

3.1 INTRODUÇÃO

É a parte inicial do trabalho onde deve constar a delimitação do assunto tratado. A introdução deve esclarecer o leitor a respeito do conteúdo do trabalho, devendo fornecer as informações básicas para a compreensão do texto, e escrita de forma clara e sucinta.

A introdução, entre outras finalidades, serve para colocar o leitor dentro do espírito da pesquisa. Desde o começo o leitor deve ter uma visão clara do assunto que será tratado, para que tenha um arcabouço geral para compreender o que está sendo apresentado. A introdução não precisa ser a primeira preocupação a ser escrita, pois durante a elaboração do trabalho algumas mudanças podem ocorrer. É necessário porém que o escritor tenha claro quais são os objetivos a alcançar durante sua pesquisa.

Sendo assim, deve conter os seguintes elementos:

Tema do trabalho — dando as definições, delimitações e conceitos necessários.

Relevância do Tema — qual o interesse em se escrever sobre o tema. Aqui a idéia é conquistar a atenção do leitor, mostrando qual a importância de se conhecer sobre o determinado tema.

Objetivo - onde o autor quer chegar ao escrever sobre o tema, o que exatamente ele vai focar, quais são suas intenções.

Justificativa — o autor vai explicar porque irá desenvolver o tema, quais são suas perguntas e questões.

Metodologia — explicar quais serão as metodologias adotadas para se chegar às conclusões.

3.2 DESENVOLVIMENTO

É a parte principal do texto que contém a exposição ordenada e pormenorizada do assunto. O desenvolvimento é a apresentação do corpo central do trabalho. Nesta

etapa será apresentado o trabalho obtido pela pesquisa realizada, com os pontos, capítulos ou divisões. As divisões do trabalho variam em função da abordagem do tema e do método adotado. Não é a cópia dos livros ou artigos, mas é o entendimento dos textos lidas. É a explicação sobre o tema, descrição do histórico (se for necessário), da defesa da idéia (se for o caso), enfim, a apresentação das respostas às questões respondidas por meio da pesquisa. Não se escreve a palavra “Desenvolvimento” como título desta parte.

3.2.1 CITAÇÕES

Um trabalho é construído em permanente diálogo com diversos autores. Para isso, e necessário que as fontes de onde são extraídas as informações sejam identificadas. Conforme a NBR 10520 citação é “Menção de uma informação extraída de outra fonte.” Podendo ser:

Citação direta – transcrição textual de parte da obra do autor consultado.

Citação indireta – texto baseado na obra do autor consultado.

Citação da citação – citação direta ou indireta, em que não se teve acesso ao original.

A citação direta de um texto tiver até três linhas, deve estar no corpo do trabalho entre aspas duplas e seguir a mesma estética do trabalho.

Quando a citação direta ultrapassar três linhas, o trecho deverá ser colocado sem aspas e destacada com recuo de 4 cm da margem esquerda, espaço simples entre linhas, utilizando à mesma fonte (Arial) e tamanho 10.

Exemplo:

Houve, porém, um momento em que o ser humano resolveu assumir o controle do universo para governá-lo por si mesmo, deixando Deus de lado. Deus era o paradigma através do qual o ser humano derivava sua concepção de certo e errado, bem e mal. Mas o ser humano acreditou que, tendo acesso à árvore do conhecimento do bem e do mal, poderia assumir o papel de normatizador do universo, poderia chamar para si o direito de ser a fonte de autoridade acerca do bem e do mal, do certo e do errado. Deus que era o centro de todas as coisas, foi posto de lado. (KIVITZ, 2007, p. 17-18)

O sobrenome do autor mencionado deve ser colocado em letras maiúsculas e minúsculas quando estiver incluído seu sobrenome no texto, seguido da data e do número da página onde se encontra o texto entre parênteses.

Exemplo:

Segundo Sasaki (1999, p. 31) “as instituições foram se especializando para atender pessoas por tipo de deficiência.”

Quando o nome do autor é colocado após a citação, deve ser em maiúscula seguido o ano de publicação e a página.

Exemplo:

No passar dos anos e com os avanços tecnológicos existentes “as instituições foram se especializando para atender pessoas por tipo de deficiência.” (SASSAKI, 1999, p. 31)

Para indicar citação dentro da citação, usam-se aspas simples.

Exemplo:

“Esta característica se chama ‘rejeição zero’ ou ‘exclusão zero’ e é o inverso da tradicional prática adotada por entidades assistenciais para determinar a inelegibilidade de uma pessoa deficiente para certos serviços terapêuticos ou à própria instituição” (SASSAKI, 1999, p. 84)

Quando a citação não for tirada do texto original, mas feita na obra consultada (citação da citação), coloca-se entre parêntesis o nome do autor da obra original, e a expressão apud (citado por, conforme, segundo), o sobrenome do autor da obra consultada, a data da publicação e a página.

Exemplo:

“O nascimento de Moisés fora predito por mágicos egípcios, porquanto as coisas haveriam de modificar-se radicalmente por causa dele.” (JOSEFO apud CHAMPLIN, 1975, p. 332)

3.2.2 NOTAS DE RODAPÉ

As notas de rodapé devem ser utilizadas para explicar, elucidar ou acrescentar informações que não possam ser incluídos no texto e devem ser colocadas no final de cada página, em ordem numérica, separadas do texto por um espaço simples de entrelinhas e por um filete de 3 cm, a partir da margem esquerda.

A numeração das notas de rodapé em cada novo capítulo deverá ter um novo início.

A fonte deve ser Arial, tamanho 10.

Na próxima edição deste manual traremos instruções para fazer as citações do trabalho no rodapé.

3.2.3 ABREVIATURAS

3.2.3.1 LIVROS DA BIBLIA

Gn	Jó	Hc	Fp
Ex	Sl	Sf	Cl
Lv	Pv	Ag	1 Ts
Nm	Ec	Zc	2 Ts
Dt	Ct	MI	1 Tm
Js	Is		2 Tm
Jz	Jr		Tt
Rt	Lm	Mt	Fm
1 Sm	Ez	Mc	Hb
2 Sm	Dn	Lc	Tg
1 Rs	Os	Jo	1 Pe
2 Rs	Jl	At	2 Pe
1 Cr	Am	Rm	1 Jo
2 Cr	Ob	1 Co	2 Jo
Ed	Jn	2 Co	3 Jo
Ne	Mq	Gl	Jd
Et	Na	Ef	Ap

✓ Não use ponto depois da abreviação do nome do livro, O correto é: Mt 4:1

✓ Exemplos formas gerais:

- Seqüência versículos: Mt 1:1-5
- Versículos seqüenciais e alternados: Na 2:1-4: 11
- Vários versículos do mesmo capítulo: Ne 5:2, 10, 16
- Versículos em capítulos diferentes: Fp 2:1; 3:4

✓ Não use algarismo romano para os livros, O correto é: 1 Co

✓ Se você está se referindo a uma determinada passagem da Bíblia no *corpo* do texto, *não* abrevie. Exemplo: Em Lucas 4:18-19 encontramos a declaração da agenda missionária de Jesus.

✓ A forma abreviada deve ser usada entre parênteses. Exemplo: Lucas sumariza a agenda missionária de Jesus na Sinagoga de Nazaré (Lc 4:18-19).

3.2.3.2 OUTRAS ABREVIACOES

a.C.	antes de Cristo	i.e.	isto �
ARA	Almeida Revista e Atualizada	LXX	Septuaginta
ARC	Almeida Revista e Corrigida	NT	Novo Testamento
AT	Antigo Testamento	p	página
Cf	confira, confronto	v	versículo
d.C.	depois de Cristo	vd	vide
e.g.	por exemplo	vv	versículos

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Considerações Finais é a análise final do trabalho escrito. Aqui o autor tem a oportunidade de apresentar de forma clara, objetiva e ordenada, as deduções apuradas no desenvolvimento da pesquisa. Nesta etapa deve-se retomar a visão ampla apresentada na introdução. Deve apresentar um resumo, uma recapitulação, do que já foi descrito no desenvolvimento do trabalho. Deve ser breve e basear-se em dados comprovados no desenvolvimento. Não deve conter nenhuma idéia nova que não tenha sido discutida no corpo do trabalho. Pode conter impressões sobre o assunto pesquisado e escrito e apresentar sugestões para futuras pesquisas. Não deve ser apresentada como uma critica ou interpretação pessoal do assunto.

5 ELEMENTOS PÓS-TEXTUAIS

5.1 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Referência bibliográfica é uma relação de todo material que foi utilizado para escrever o trabalho (citadas diretamente ou apenas consultadas). Conforme a ABNT, na NBR -Norma Brasileira 14724:2005 as referências bibliográficas são obrigatórias num trabalho e devem ter um padrão segundo a NBR 6023:2002. Cada material tem uma maneira específica de ser referenciado. Vamos apresentar alguns tipos de fontes que, num trabalho escrito do Ensino Superior, são mais usadas. São elas: livros, revistas, jornais, internet, Trabalhos de Conclusão de Curso, Dissertações e Teses.

As regras gerais de apresentação seguem:

- ✓ Em ordem alfabética pelo último sobrenome do autor, em maiúsculas, sem qualquer sinalização antes, alinhadas à margem esquerda do texto.
- ✓ Espaço entrelinhas simples e separadas entre si por dois espaços simples.
- ✓ Constar os itens essenciais, na ordem: **autor(es), título, edição, local, editora e data da publicação.**

5.2 LIVRO

Autor — Em primeiro lugar, deve constar o sobrenome todo em letras maiúsculas, seguido do(s) prenome(s) e outros sobrenomes, abreviado(s) ou não em letras maiúsculas/minúsculas (sobrenomes com indicativos como Júnior, Filho, Sobrinho, Neto, acompanham o último sobrenome), seguido de ponto e dois espaços.

Quando o autor é muito conhecido recomenda-se colocar o sobrenome mais conhecido.

Se o livro tiver até três autores deve-se colocar os três, separados por ponto e vírgula. Se tiver mais do que três autores deve-se colocar o primeiro ou escolher o mais conhecido, seguido da expressão “et al” (e outros).

Quando o autor for desconhecido, ou não estiver clara a autoria, coloca-se direto com o título com a primeira palavra em maiúsculo (caixa alta). Quando tiver vários autores, mas um coordenador, ou compilador, ou organizador, etc..., colocar o nome desse seguido da abreviação, no singular, do tipo de participação entre parênteses.

Quando surgir várias obras referenciadas sucessivamente com um mesmo autor na mesma página, podem ser substituído o nome do autor nas referências seguintes à primeira, por um traço sublinear equivalente a seis espaços e ponto. (_____.).

Exemplo:

LITTLE, Paul E. **Você pode explicar sua fé?** São Paulo: Mundo Cristão, 1997.

_____. **Como compartilhar sua fé.** São Paulo: ABU, 1974.

LASOR, William S.; HUBBARD, David A.; BUSH, Frederic. **Introdução ao Antigo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 1999.

Título — Destacar o título com o recurso tipográfico (negrito, sublinhado ou itálico), usando o mesmo em todas as referências — a primeira letra maiúscula e o restante em minúscula — logo após o subtítulo (se houver, e não precisa ser destacado) — seguido de ponto e um espaço.

Exemplos:

GUNDRY, Robert H. **Panorama do Novo Testamento.** São Paulo Vida Nova, 1978.

VEITH, Júnior; GENE, Edward. **Tempos Pós-Modernos.** São Paulo: Cultura Cristã, 1999.

BURK, P. **A escrita da história: novas perspectivas.** São Paulo: Unesp, 1992

Edição - Número da edição, em letras minúsculas a partir da segunda, utilizando-se abreviaturas dos numerais ordinais e da palavra edição (2. ed.). Quando houver emendas e acréscimos à edição, usa-se de forma abreviada (3. ed. rev. e aum.)

Exemplos:

BORGES, Vavy Pacheco. **O que é história?** 2. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 2003.

SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia.** 20. ed. São Paulo: Cortez, 1988

Local da Publicação - É o nome da cidade onde o livro foi impresso, isto é, onde se localiza a editora. Deve ser seguido de espaço, dois pontos e espaço. Se a cidade

for desconhecida ou tiver mais que uma com o mesmo nome, colocar a sigla do estado. Se houver mais que uma cidade colocar as que forem citadas conforme aparecem no livro, separadas por ponto e vírgula.

Exemplo:

SPERLING, Abraham P. **Introdução à Psicologia**. São Paulo: Pioneira, 1999.

Editora — Só deve constar o nome principal, sem precisar colocar Editora ou Edições, ou Ltda, ou S.A., seguido de vírgula. Se houver mais que uma editora colocar as que serão citadas por ordem de aparecimento, separadas por ponto e vírgula

Exemplo:

BURKE, P. (org). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992.

Data — A data da publicação do livro (referente a sua edição) deve ser indicada em algarismos arábicos, seguidos de ponto.

Exemplo 1:

GARDNER, Howard. **Inteligências Múltiplas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

RUSSEL, Bob; RUSSEL, Rusty. **Uma Igreja de sucesso**: 10 princípios bíblicos testados e aprovados. São Paulo: Vida Nova, 2003.

5.3 REVISTAS

Autor do artigo — cita-se o autor da mesma forma que de um livro, seguido de ponto e espaço. Se o artigo não tiver nome de autor definido, entra-se com o título do artigo sendo que a primeira palavra toda em maiúsculo.

Título do artigo — Com a primeira letra em maiúsculo e o resto normal, sem grifar, seguido de ponto e espaço.

Nome da revista — completo, assim como é colocado na revista, O nome da revista é grifado com itálico, negrito ou sublinhado (grifa-se o nome da revista porque essa é a fonte pesquisada), seguido de vírgula.

Local da publicação — da mesma maneira que no livro, seguido de vírgula. Numeração correspondente — número e/ou volume e/ou ano, seguidos de vírgula.

Páginas — número da(s) página(s) referente(s) ao artigo pesquisado, seguido de vírgula.

Data — mês e/ou ano (o mês abreviado e a data em quatro dígitos), seguido de ponto.

EXEMPLOS

DIAS, Cristiano. No comando, o reformista-san. **Veja**, 1698, ano 34, n.17, p.35-39. 02 maio 2001.

REVISTA TEOLÓGICA: Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil. Rio de Janeiro, ano X, n. 4, 1995. 95 p.

SOUZA, Ricardo Barbosa de. Entre o secreto e o público. **Eclésia**. São Paulo, ano VI, n. 62, jan. 1989, p. 15.

5.4 JORNAL

Em artigos e/ou matérias de jornal, segue-se praticamente o mesmo esquema da revista, atentando apenas para outros detalhes como: seção, caderno e encarte.

Exemplos:

FELINTO, Marlene. Triste África. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 21 jul. 2002. Folha Mundo, Caderno A., p.12.

DE GERAÇÃO em geração. **Jornal do Batista**. São Paulo, n. 33, ago. 2002.

COELHO FILHO, Isaltino Gomes. Esgotamento emocional. **O Jornal Batista**. Rio de Janeiro, 26 ago/01 set. 2002. Ano 102, n. 35.

5.5 INTERNET

Como a Internet é uma fonte muito usada para a confecção de um trabalho escrito, é muito importante saber como escrever corretamente as informações sobre essa fonte. Os elementos essenciais para se referir à Internet são:

✓ **Autor do artigo ou página** - o que chamamos de indicação de responsabilidade do escrito. Se não tiver uma pessoa específica que escreveu, pode ser o nome da página de entrada.

✓ **Título e subtítulo** — sena o título do artigo, ou página. Se não tiver ou não for possível localizar, cite pelo menos o assunto exposto no artigo.

✓ **Disponibilidade** — é onde o artigo foi encontrado. E o endereço eletrônico que foi acessado para achar sobre o assunto entre os sinais de < >, precedido da expressão Disponível em: (o endereço eletrônico do assunto específico ou até do site que foi acessado).

✓ **Data** — Data de acesso ao endereço, isto é, o dia que você acessou a Internet e achou sobre o assunto procurado.

Exemplos:

ETICA Cristã. Disponível em:<<http://www.google.com.br>>. Acesso em: 30 abr. 2004.

EVANGELHOS Sinóticos. Disponível em: <<http://www.Dsleo.com.br/evangelhos/sinot.htm>>. Acesso em: 08 jun. 2004.

O NOVO Testamento, **O problema dos sinóticos**. Disponível em: <www.geocities.com/Athens/Agora/1417/Biblia/Sinotic.htm>. Acesso em: 02 dez. 2003.

ROBERTS, Phil. **Os benefícios dos sacrifícios do Velho Testamento**. Estudos Bíblicos. Disponível em: <http://www.estudosdabiblia.net/11999421_.htm> Acesso em: 08 jun. 2004.

5.6 TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC), DISSERTAÇÃO E TESE

Exemplos:

BUCHVITZ, Paulo Arthur. **Psicanálise e educação**: uma leitura da educação teológica a partir da psicanálise de orientação lacaniana. 2000. 140 f. Tese (Doutorado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo.

REGA, Lourenço Stelio. **Avaliação ética do jeito brasileiro**: é possível ser brasileiro e cristão ao mesmo tempo. 1992. 176 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) — Faculdade Teológica Batista de São Paulo, São Paulo.

SOUZA, Clarabeti Stolochi Neves de. **A biblioteca escolar e seu papel como mediadora no processo ensino-aprendizagem**. 2001. 121 f. TCC (Graduação em Biblioteconomia) — Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, São Paulo.

6 ANEXOS

Conforme NBR 14724: 2005 da ABNT, é um ‘texto ou documento não elaborado pelo autor, que serve de fundamentação, comprovação e ilustração’. É elemento opcional. A palavra “ANEXO” deve ser escrita em letras maiúsculas (caixa alta). O(s) anexo(s) são identificados por letras maiúsculas consecutivas (A, B, O) e travessão seguido dos respectivos títulos. Excepcionalmente, caso o número de anexos supere as letras do alfabeto, utilizam-se letras maiúsculas dobradas (AA, AB, AC

Exemplos:

ANEXO A — Tabela do IBGE: Crescimento demográfico no Estado de São Paulo em 2006.

ANEXO B — Representação gráfica do movimento financeiro da Igreja Batista.

7 RESUMOS

Elemento obrigatório de um trabalho acadêmico, constituído de uma seqüência de frases concisas e objetivas e não de uma simples enumeração de tópicos, não ultrapassando 500 palavras, seguido, logo abaixo das palavras representativas do conteúdo do trabalho ou documento, isto é, palavras chaves elou descritores.

Os resumos subdividem-se em:

Resumo indicativo: indica apenas os pontos principais do documento, não apresentando dados qualitativos, quantitativos etc. De modo geral, não dispensa a consulta ao original.

Resumo informativo: informa ao leitor finalidades, metodologia, resultados e conclusões do documento, de tal forma que possa, inclusive, dispensar a consulta original.

Resumo crítico: é uma redação técnica que avalia de forma sintética a importância de uma obra científica ou literária. Portanto não se limita ao conteúdo do trabalho, uma vez que deve apresentar julgamento de valor, resumindo a obra em suas linhas básicas e avaliando-a de forma a mostrar seus pontos fortes e fracos. Deve ser elaborado por alguém com conhecimento na área, uma vez que as considerações feitas devem ser embasadas em evidências da própria obra ou de outras relacionadas e utilizadas para elaboração do resumo crítico. Quando um resumo crítico é escrito para ser publicado em revistas especializadas, é chamado de resenha. Quando analisa apenas uma edição entre várias, denomina-se **recensão**.

7.1 APRESENTAÇÃO DE RESUMOS INDICATIVOS E INFORMATIVOS

- ✓ Ressaltar o objetivo, o método, os resultados e as conclusões do documento.
- ✓ Ser precedido da referência do documento, exceto quando estiver inserido no próprio documento.
- ✓ Deve ser composto de uma seqüência de frases concisas, afirmativas e não de enumeração de tópicos.
- ✓ Recomenda-se o uso de parágrafo único.
- ✓ A primeira frase deve ser significativa, explicando o tema principal do documento (idéia central).
- ✓ A seguir, deve-se indicar a informação sobre a categoria do tratamento/trabalho (memória, estudo de caso, análise da situação, revisão de literatura etc.).

- ✓ Deve-se usar o verbo na voz ativa (o verbo de uma oração está na voz ativa quando a ação é praticada pelo sujeito, ou seja, o sujeito é o agente da ação verbal) e na terceira pessoa do singular.
- ✓ As palavras-chave devem figurar logo abaixo do resumo, antecidas da expressão Palavras-chave: separadas entre si por ponto e finalizadas também por ponto.
- ✓ Quanto a sua extensão devem ter:
 - De 150 a 500 palavras, para trabalhos acadêmicos e relatórios técnico-científicos;
 - De 100 a 250 palavras para os artigos de periódicos;
 - De 50 a 100 palavras quando destinados a indicações breves.

7.2 APRESENTAÇÃO DE RESUMOS CRÍTICOS

A análise é, em síntese, a capacidade de relacionar os elementos do texto lido com outros textos, autores e idéias sobre o tema em questão, contextualizando o texto que está sendo analisado. Para fazer a análise, portanto, certifique-se de ter:

- ✓ informações sobre o autor, suas outras obras e sua relação com outros autores,
- ✓ elementos para contribuir para um debate acerca do tema em questão e,
- ✓ condições de escrever um texto coerente e com organicidade.

A partir daí você pode escrever um texto que, em linhas gerais, deve apresentar:

1-Referência Bibliográfica da obra.

2-Apresentação do(a) autor(a) da obra.

3-Introdução, apresentando: o assunto/ tema, o problema elaborado pelo autor, e a posição do autor diante deste problema.

4-Desenvolvimento ou apresentação do conteúdo da obra, enfatizando: as idéias centrais do texto e os argumentos e idéias secundárias.

5-Uma conclusão apresentado sua crítica pessoal, ou seja: uma avaliação das idéias do autor frente a outros textos e autores e uma avaliação da qualidade do texto, quanto à sua coerência, validade, originalidade, profundidade, alcance, etc.

Os resumos críticos, por suas características especiais, não estão sujeitos a limite de palavras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023: 2002**: informação e documentação — referências — elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR 6024: 2003**: informação e documentação — numeração progressiva das seções de um documento escrito — apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR 6027: 2003**: informação e documentação — sumário - apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR 6028: 2003**: informação e documentação — resumo - apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR 10520: 2002**: informação e documentação — citações - apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR 14724: 2005**: informação e documentação — trabalhos acadêmicos - apresentação. Rio de Janeiro, 2005.

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO. **Manual de orientação trabalho de conclusão de curso tcc**: versão preliminar — em fase de experiência. Versão 1.1. São Paulo, 2005. Disponível em: <[http://www.teologica.br/theo_new/files/ManualICCVersaoll .pdf](http://www.teologica.br/theo_new/files/ManualICCVersaoll.pdf)>. Acesso em: 27 jul. 2007.

OLIVA, Alfredo dos Santos; BARRO, Jorge Henrique; ZABATIERO, Júlio Paulo lavares. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. 3. ed. Londrina, 2006. Disponível em: < <http://www.ftsa.edu.br/downloads/ManualdeMetodolgia.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2007.

APÊNDICES

A partir das próximas páginas você encontrará modelos e sugestões padronizadas para utilização em seus trabalhos hodiernos na FATEO. São eles:

APÊNDICE A – Modelo de *Capa*

APÊNDICE B – Modelo *Folha de Rosto*

APÊNDICE C – Modelo de *Epígrafe*

APÊNDICE D – Modelo de *Resumo*

APÊNDICE E – Modelo de *Sumário*

APÊNDICE F – Modelo para *Confecção de Resumo Crítico*

APÊNDICE G – Exemplo de *Resenha (Resumo Crítico Publicado)*

APÊNDICE H – Exemplo de *Resenha*

APÊNDICE I – Exemplo de *Resumo Indicativo*

APÊNDICE J – Exemplo de *Resumo Informativo*

APÊNDICE L – Diagrama do *Processo da Pesquisa*

APÊNDICE M – Dicas da *Língua Portuguesa*



NOME DO ACADÊMICO (COMPLETO)

Arial 14, Maiúscula,
NÃO use negrito**TÍTULO DO TRABALHO**
Subtítulo se houverArial 14, Maiúscula,
USE negritoArial 12
NÃO use negrito

Bauru
2007

NOME DO ACADÊMICO (COMPLETO)



Arial 14, Maiúscula,
NÃO use negrito

TÍTULO DO TRABALHO
Subtítulo se houver



Arial 14, Maiúscula,
USE negrito

Arial 10,
NÃO USE negrito



Trabalho apresentado em cumprimento às exigências da disciplina Hermenêutica II do curso de Bacharelado em Teologia da Faculdade Teológica Batista de Bauru.

Professor Valtencir Alves.



Justificado, alinhado do meio para esquerda
(8cm)

APÊNDICE C – Modelo de *Epígrafe*

“Não me retrato de coisa alguma a não ser que me convençam pelas Escrituras ou por meio de argumento irrefutáveis”

Martinho Lutero

APÊNDICE D – Modelo de *Resumo***RESUMO**

O cerne da questão está na condição do homem após aceitar Jesus como seu Senhor e único Salvador. O crente, usando o seu livre-arbítrio, pode voltar-se para o pecado, perder a fé, perder a graça de Deus e, assim, perder a salvação? Mais uma pergunta cabe formular: o crente possui livre-arbítrio? Se a resposta for afirmativa, é evidente que ele poderá usá-lo, e usá-lo para abandonar a sua fé original e fazer morrer a chama do primeiro amor; se negativa, a condição de servo não seria apenas poética, mas enfática e convocatória. A partir da decisão do primeiro casal no Éden, as evidências escriturísticas provam que em nenhuma circunstância o ser humano perde o direito à liberdade de escolha dada por Deus. O nosso problema e finalmente o objetivo central desta tese está na questão do livre arbítrio diante do chamado convocatório ao ministério. Aquele que é verdadeiramente crente em Cristo Jesus e é por ele, não apenas vocacionado, mas convocado para ser um ministério dentro do corpo, poderá exercer o seu livre arbítrio e recusar ao chamado de Deus? Se a condição bíblica para aqueles que se entregam a Jesus Cristo como Senhor de suas vidas é uma condição de servo, sendo que a palavra “Senhor” significa “dono”, e a palavra “servo” significa “escravo”, teria ele condições de dizer não ao Criador e agora Senhor (dono) da sua vida? O apóstolo Paulo usa o termo grego “uperetes” no livro dos Atos 26:16, para designar “ministro”. É na etimologia e na hermenêutica deste termo grego, que iremos objetivar esta tese, analisando todos os pontos que circundam a questão e lançam luz ao texto.

Palavras-chave: Livre-arbítrio. Convocatória. Uperetes.

APÊNDICE D – Modelo de *Sumário*
SUMÁRIO

1	Definições	05
	1.1. Definindo o Termo	05
	1.2. O Aperfeiçoamento dos Santos	06
	1.3. Multiplicidade de Ofícios	06
	1.4. A Evolução Espiritual e o Elevado Destino dos Remidos	07
2	Exemplos de Ministério	08
	2.1. Ministério Angelical	08
	2.2. Os Ministros do Antigo Testamento	08
	2.3. Cristo, O Arquétipo dos Ministros	08
	2.4. Natureza do Ministério Cristão	10
	2.5. Os Dons Espirituais e os Ministérios	11
	2.5.1. Os Ministros Como Dons Dados à Igreja	11
	2.6. O Ministério Eclesiástico Organizado	12
3	Etimologia	14
	3.1. Texto chave Para a Tese	17
	3.2. Correlação do Texto Chave	17

APÊNDICE E – Modelo para *Confecção de Resumo Crítico*

Nome: _____

Data: ____ / ____ / ____ Disciplina: _____

1- Referência bibliográfica

Fazer a referência bibliográfica completa da obra de acordo com o manual da faculdade.

2- Apresentação do(a) autor(a) da obra

Apresentar o autor falando dos principais fatos relacionados à sua vida, como: local e ocasião de nascimento, formação acadêmica, pessoas que exerceram influência teórica sobre sua obra, fatos que teriam marcado sua vida e, conseqüentemente, sua forma de pensar.

3- Perspectiva teórica da obra

Toda obra escrita pertence a uma determinada perspectiva teórica; é muito importante saber a que tradição/escola teórica pertence o/a autor/a da obra que se está analisando, pois isso permite compreender a forma como está organizada, bem como a lógica da argumentação utilizada; quando se reconhece a perspectiva teórica do(a) autor(a), sabe-se o que se pode esperar da obra que será analisada.

4- Breve síntese da obra

Antes de começar a análise de uma obra é muito importante procurar ter uma visão panorâmica desta; isto pode ajudar a visualizar o começo, o meio e o fim da obra, permitindo saber de onde parte e para onde vai o(a) autor(a) na sua argumentação; esta parte do resumo crítico (somente esta) pode ser feita na forma de um esquema.

5- Principais teses desenvolvidas na obra

Depois de tudo preparado, analisar o conteúdo da obra de forma propriamente dita; o objetivo é traçar as principais teses do(a) autor(a) e não resumir a sua obra; é preciso ler com muita atenção para se apreender o que é fundamental no pensamento do(a) autor(a).

6- Reflexão crítica sobre a obra e implicações para o ministério

Depois de apresentar e compreender o(a) autor(a) e sua obra deve-se traçar alguns comentários pessoais sobre o assunto, ancorados em argumentos fundamentados academicamente. Além disso, exige-se que o aluno aplique os principais temas da obra integrando-os ao seu contexto ministerial. Isso corresponde a 50% de seu trabalho.

APÊNDICE G – Exemplo de *Resenha (Resumo Crítico Publicado)*

RYRIE, Charlos C. Como Pregiar Doutrinas Bíblicas. Tradução: Suzana Klassen. São Paulo: Mundo Cristão, 2007. 89 p. Disponível em: <<http://juandepaula.blogspot.com/2007/05/085-resenha-como-pregardoutrinas.html>>. Acesso em: 23 mai. 2007.

Charles C. Ryrie é professor emérito do Seminário Teológico de Dallas e lecionou na Universidade Bíblica da Filadélfia. É formado pela Faculdade de Haverford (bacharel), pelo Seminário Teológico de Dallas (mestre e doutor), pelo Seminário Teológico Batista da Liberdade (doutor) e pela Universidade de Edimburgo (doutor) na Escócia (a mesma em que o Dr. Russell Shedd estudou o programa de doutorado). Ryrie é um dos mais renomados teólogos ortodoxos (conservadores) da atualidade e patrono e expoente da hermenêutica do dispensacionalismo progressivo, uma vertente mais aberta do dispensacionalismo clássico. Autor do livro: Teologia Básica e outros.

O presente livro foi adquirido como brinde na compra da Bíblia Anotada e Expandida (editada pelo mesmo autor) na palestra de Ryrie no Seminário Bíblico Palavra da Vida (vide postagem n. 82).

O livro está dividido em sete capítulos com mais dois apêndices e a bibliografia no final. Sua tese central diz que “ao estudar, pensar, ensinar, pregar e viver a Palavra de Deus, devemos cuidar para que as palavras que usamos na comunicação sejam precisas, claras e corretas.” (p. 14-15). E o objetivo do livro é dar pistas práticas para esse fim ser alcançado.

Ryrie começa a obra introduzindo a questão se realmente pregar doutrina é importante. O capítulo 1 apresenta as justificativas para a negligência na doutrina como, por exemplo, a afirmativa de que “a experiência é mais importante” (p. 8). Defende que a doutrina é importante e prática porque: 1 — “toda pessoa tem um sistema doutrinário, mesmo que não se dê conta desse fato ou não o admita” pois “pode ser algo sistemático, desorganizado ou até mesmo desleixado, mas todos nós operamos com base em algum sistema doutrinário (p. 14) e 2 — Jamais menosprezar a importância da semântica” (p. 14).

O capítulo 2 tem como objetivo ensinar a comunicação da doutrina por passagens bíblicas relevantes a partir da mensagem central do texto escolhido. Aqui Ryrie apresenta duas ferramentas para auxiliar a pregação: 1 — Título e 2: Uma introdução que apresente a relevância da doutrina, O capítulo 3 apresenta a comunicação da doutrina através da teologia sistemática. Esta “é uma correlação de informações bíblicas como um todo de modo ordenado a fim de explicar e apresentar sistematicamente o conteúdo total referente a aspectos distintos da revelação de Deus” (p. 26). Já o capítulo 4 mostra a comunicação da doutrina pela teologia bíblica. Para Ryrie a “teologia bíblica é o aspecto da teologia que trata de modo sistemático do progresso historicamente condicionado da revelação de Deus, como se encontra na Bíblia.”(p. 35). A diferença para com a teologia sistemática, segundo o autor, está no fato de que a teologia bíblica “investiga os autores, as épocas, os públicos-alvos e o processo da redação das Escrituras. (...) A teologia sistemática, em contrapartida, trata do produto acabado”. (p. 37). No quinto capítulo, Ryrie defende o ensino da doutrina por meio do uso da concordância para a definição correta da palavra, principalmente no grego e hebraico. No sexto, o uso de ilustrações bíblicas para ensinar a doutrina, ou seja, apresenta-la por meio de narrativas bíblicas quando estiver expondo o texto. Esse capítulo, em seu final, ensina a como ilustrar doutrinas por meio de narrativas bíblicas com crianças. O capítulo 7 orienta os leitores quanto ao perigo de tirar princípios de textos bíblicos que os mesmos não afirmam mostrando alguns exemplos: Tentar fazer o texto ensinar o que não está ensinando; encontrar analogias entre o público que o texto foi endereçado e o que o pregador está se dirigindo; espiritualizar o texto bíblico ou interpreta-lo figurativamente. E depois oferece diretrizes para uma interpretação correta e segura: O princípio deve ser extraído em firme exegese ; saber o contexto (imediate ou amplo) ; Cuidado com a forma como Deus operou no passado, mandamentos e figuras e impor isso ao nosso tempo (ex. proibições alimentares (Dt 14:1-21 que foram permitidas em 1 Tm 4:3).

O primeiro apêndice defende a pregação expositiva da Palavra de Deus em detrimento da pregação digressiva, ou seja, apresentar o “conteúdo, apesar de não ser contrário às Escrituras, não expõe especificamente o que o texto bíblico afirma de fato” (p. 75). Duas ferramentas para a pregação ou ensino expositivo são apresentadas: 1 — Ambiente histórico e 2 — Contexto da passagem. O apêndice

termina com dicas para a aplicação da exposição. O segundo apêndice apresenta pistas para fazer lista (idéias e anotações sobre o texto) e esboço (estrutura destas idéias para a exposição) com advertências em relação a ambas.

Ryrie foi feliz em seu objetivo! O texto é simples, claro e ao mesmo tempo profundo. Os capítulos estão recheados de exemplos em relação ao título e propósito de cada um. As ilustrações também estão excelentes para explicar e clarear o ponto ensinado. Interessante é que o texto pode ser lido e usado por todas as vertentes evangélicas conservadoras (calvinista-reformados, dispensacionalistas, amiiiniano-wesleyanos, pré-milenistas históricos, outras) que crêem e defendem a inerrância e autoridade das Escrituras Sagradas, ou seja, o autor não tende apenas para a sua opção hermenêutica, mas dialoga citando autores reformados como J.C Ryrie e Charles Haddon Spurgeon. O texto é indicado para todos aqueles envolvidos com a área de ensino e pregação na igreja, seja pastor, seja leigo. Para quem já passou pelo treinamento formal em teologia numa faculdade ou seminário, o texto não oferecerá nada de novo. Ele vale a pena ser lido para incentivar a simplicidade, porém sem profundidade e firmeza nas Escrituras, mas é indispensável para aqueles envolvidos com ensino e pregação na igreja de Cristo, mas que não passaram por um curso de teologia. A capa com a bússola e um mapa-múndi sombreado apresenta com beleza o propósito do livro. Certamente será de muita utilidade e benção no Reino de Deus.

Por Pr. Juan de Paula Santos Siqueira, pastor da Congregação Batista em Itapeva de Minas.

APÊNDICE H — Exemplo de *Resenha*

**Resenha: “O inquisidor como antropólogo”,
de Carlo Ginzburg Alfredo dos Santos Oliva^(*)
Revista *Teologia Hoje* vol 1, núm 1 (2003) artigo 5**

Obra resenhada:

GINZBURG, Carlo. “O inquisidor como antropólogo: uma analogia e as suas implicações”. In: _____. **A micro-história e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1991. p. 203-14.

Carlo Ginzburg, historiador da cultura, nasceu em Turim em 1939 e ensina na Universidade da Califórnia, em Los Angeles. Além da obra citada, o autor possui diversos outros livros traduzidos para o Português: “O queijo e os vermes”, “História noturna”, “Os andarilhos do bem”, “Mitos, emblemas e sinais” e “Olhos de madeira”. Os três primeiros livros tratam de temáticas relativas à inquisição, heresia e bruxaria e os dois últimos reúnem, principalmente, ensaios teóricos.

Penso que neste texto o autor está preocupado com duas questões fundamentais: 1) a legitimidade das fontes utilizadas pelo pesquisador e 2) os fatores que estão implicados na relação do pesquisador com suas fontes. Para discutir estes dois problemas o texto vai estabelecer uma aproximação entre o trabalho do historiador e o do antropólogo.

O historiador interessado em pesquisar, por exemplo, o fenômeno bruxaria entre os séculos XVI e XVIII terá como fonte os relatos produzidos pelos inquisidores. O acesso às pessoas que vivenciaram a bruxaria na idade moderna, não é direto, mas mediado pela visão dos inquisidores. A relação entre os inquisidores e as vítimas acusadas de heresia é comparada à relação entre o antropólogo e o nativo.

Aparentemente, o antropólogo está em vantagem nesta comparação, pois teria um acesso não mediado ao fenômeno que pesquisa, além de partir para o campo de pesquisa com uma predisposição para relativizar suas concepções para estar mais

permeável à visão de mundo do “outro”. Apesar disso, Cano Ginzburg está disposto a aceitar que, em muitos casos, o antropólogo não está tão isento de interferências sobre seu “objeto” de estudo.

Alguns aspectos parecem tornar inquisidor e antropólogo muito próximos: 1) Se Clifford Geertz está correto ao afirmar que não existem interpretações de primeira mão e todo o trabalho do antropólogo é sempre uma interpretação de interpretações, então a diferença entre um trabalho e outro é apenas de grau e não de natureza; 2) Tanto o antropólogo, como o inquisidor estão envolvidos em um processo de inscrição de discursos orais; 3) Ambos estão preocupados não apenas em deitar discursos de origem oral no papel, mas também vertem discursos de um código lingüístico (do herege ou nativo) para outro (do inquisidor ou antropólogo).

Em minha opinião, a contribuição mais importante do texto é uma questão que aparece como secundária. Na articulação de sua argumentação em prol de uma comparação entre o trabalho do inquisidor e o do antropólogo, Carlo Ginzburg chama a atenção para a criação um novo campo de estudos, o da expressão religiosa heterodoxa. A partir de obras antropológicas sobre a bruxaria nos anos 60 e 70, alguns historiadores começaram a explorar as fontes inquisitoriais a partir de uma nova perspectiva. O tema da perseguição deixou de ser o único a ser revelado pelas fontes da Santa Igreja para dar espaço às expressões religiosas na forma como era revelada na fala das vítimas. Este novo olhar sobre as fontes inquisitoriais tem se mostrado muito fecundo. No Brasil obras significativas têm sido produzidas dentro do universo temático da heresia a partir das falas dos inquisidores, como é o caso de “O Diabo e a Terra de Santa Cruz”, “Inferno atlântico”, “A heresia dos índios” e “Um herege vai ao paraíso”.

Notas

* Membro da Comunidade Nova Aliança, em Londrina. Mestre em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Norte (Recife, PE) e em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará. Doutorando em história pela Universidade Estadual Paulista, campus de Assis. Professor da graduação na FTSA.

APÊNDICE I – Exemplo de *Resumo Indicativo*

ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. **A identidade batista e o “espírito” da Modernidade.** Disponível em:

http://www.est.com.br/nepp/numero_06/identidade.htm>. Acesso em: 23 jul. 2007.

Apresenta a partir do estudo de Weber sobre “a ética protestante e o espírito do capitalismo, uma reflexão a respeito da construção do ethos batista no Brasil. Salaria os elementos mais relevantes na composição da identidade batista, contribuindo, dessa forma, com o trabalho de colocar em evidência a diversidade presente no protestantismo brasileiro.

Palavras-chave: Batistas. Identidade. Ética. Produção de subjetividade. Modernidade.

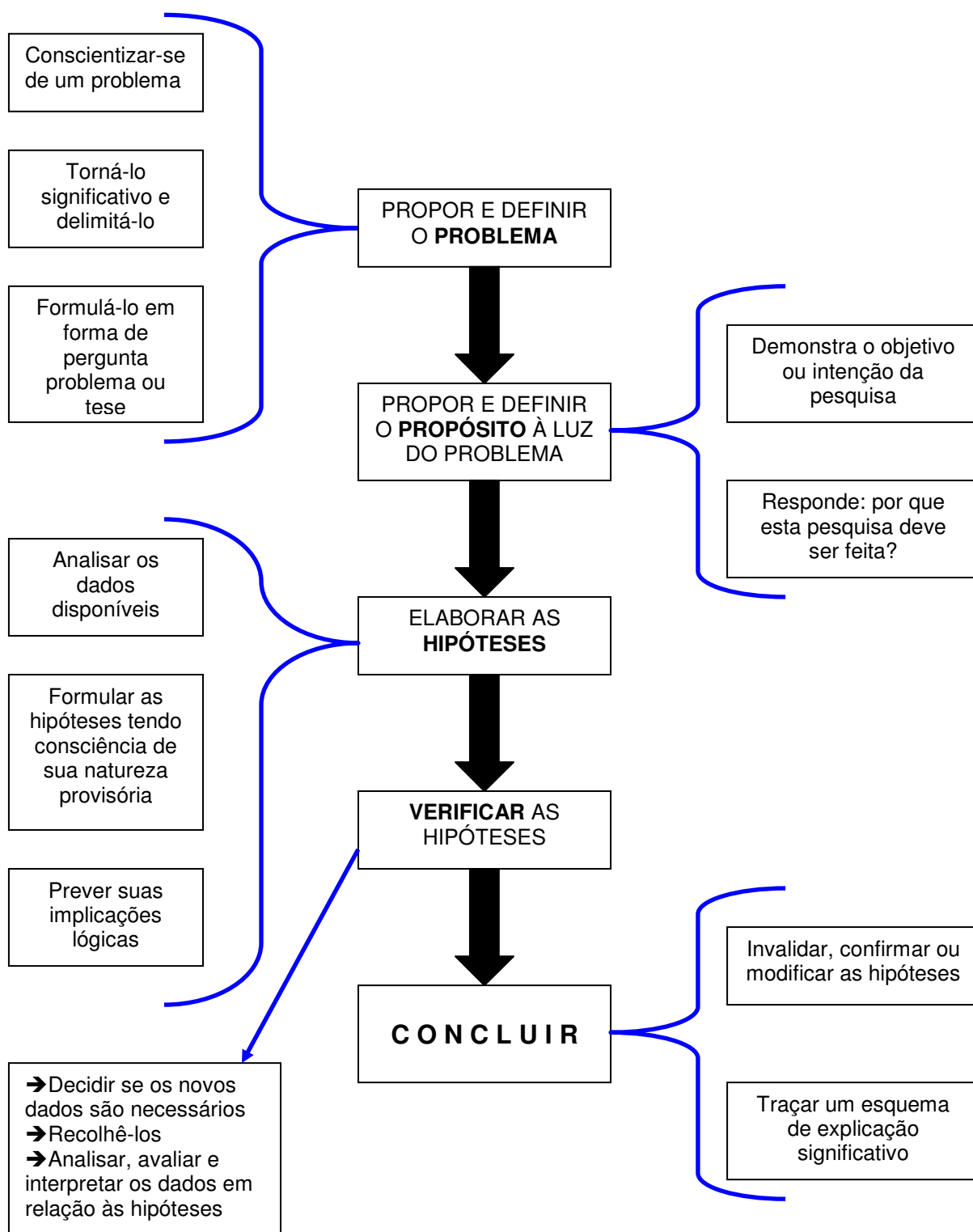
APÊNDICE J — Exemplo de *Resumo Informativo*

MARRONI, Denize. **O processo saúde-doença em uma comunidade indígena: a história oral do habitante do mato.** São Paulo, 2003. 176 p. (Tese de Doutorado apresentada a Universidade de São Paulo. Escola de Enfermagem).

Este estudo qualitativo teve como objetivo conhecer o processo histórico das práticas relacionadas ao processo saúde-doença dos índios Kaingang da reserva da Guarita -Redentora - RS. O referencial teórico metodológico adotado foi a história oral de vida. Para a categorização dos achados foi utilizada a teoria transcultural proposta por Purnell e Paulanka e analisados à luz da antropologia da saúde. A coleta dos dados foi realizada através de entrevista e apresentadas sob forma de narrativas. Foram seis os colaboradores que fizeram parte deste estudo. Os índios, em seus relatos atribuem a causa de suas doenças ao contato com o não índio, e principalmente por estarem consumindo alimentos industrializados. Também relatam que o motivo principal do abandono de suas tradições foi a entrada de religiões como o catolicismo e o protestantismo na reserva. Seu sistema médico predominante é a medicina convencional e sua terapia. Atribuem ao desmatamento o motivo do pouco uso de ervas medicinais.

Palavras-chave: Processo Saúde-Doença. Índios Sul-Americanos.

APÊNDICE L – Diagrama do *Processo da Pesquisa*



APÊNDICE M – Dicas da *Língua Portuguesa*

Do Manual de Redação da "Folha de S. Paulo"

Tipo de palavra	Quando acentuar	Exemplos	Não acentue
Proparoxítonas	sempre	simpática, lúcido, sólido, cômodo	
	terminadas em: L		
	I	fácil	
	IS	táxi	
	N	tênis	
	UM, UNS	hífen	
	US	álbum(ns)	terminadas em ENS ou ONS:
Paroxítonas	R	vírus	hífens, polens, protons.
	X	caráter	
	PS	látex	
	Ã, ÃS	bíceps	
	ÃO, ÃOS	ímã, órfãs	
	ditongo, seguido ou não de S	bênção, órfãos cárie, árduos	
Oxítonas	terminadas em: A, AS E, ES O, OS EM, ENS	Vatapá Igarapé avô, avós refém, parabéns	terminadas em I, IS, U, US: tatu, Morumbi, abacaxi
Monossílabos tônicos	terminados em A, AS, E, ES, O, OS	vá, pás pé, mês pó, pôs	
Hiatos	quando I, IS, U ou US estão sozinhos no hiato e são tônicos	saía, raízes, traíste, país, balaústre	quando a sílaba seguinte começa com NH: rainha
Ditongos abertos	EI, EIS EU, EUS OI, OIS	idéia, anéis réu (s), véu (s) destrói, lençóis	não ocorre ditongo em constroem e destroem
Gúe, gúi, qué	quando o U é tônico	argúi, obliquê, averigúem	
Ôo, êe	quando a primeira vogal é tônica	vôo, perdôo, vêem	
Verbos ter e vir	na terceira pessoa do plural do presente do indicativo	eles têm, eles vêm	
Derivados de ter e vir (obter, manter, intervir)	na terceira pessoa do singular, na terceira pessoa do plural do presente do indicativo	ele obtém, detém, mantém eles obtêm, detêm, mantêm	
Acento diferencial	pôde (passado); pára (verbo); pêlo (cabelo), pélo, péla e pélas (verbo pelar); pólo (em geografia, física e esporte) e pôlo (ave); pôr (verbo); pêra (fruta) e péra (pedra); côa, côas (verbo coar); quê, póla e pólas (substantivos)		

Crase

A fusão da preposição *a* com o artigo feminino *a*

Da Página 3 Pedagogia & Comunicação

A palavra crase é grega e significa fusão, mistura. Em gramática, basicamente a crase se refere à fusão da preposição *a* com o artigo feminino *a*: Vou à escola. O verbo *ir* rege a preposição *a*, que se funde com o artigo exigido pelo substantivo feminino *escola*: Vou à (*a+a*) escola.

A ocorrência de crase é marcada com o acento grave (´). A troca de *escola* por um substantivo masculino equivalente comprova a existência de preposição e artigo: Vou ao (*a+o*) colégio.

No caso de ir a algum lugar e voltar de algum lugar, usa-se crase quando: "Vou à Bolívia. Volto da Bolívia". Não se usa crase quando: "Vou a São Paulo. Volto de São Paulo". Ou seja, se você vai a e volta da, crase há. Se você vai a e volta de, crase para quê?

É erro colocar acento grave antes de palavras que não admitam o artigo feminino *a*, como verbos, a maior parte dos pronomes e as palavras masculinas.

Caso	Uso obrigatório	Uso proibitivo	Uso facultativo
Antes de palavras masculinas	<ul style="list-style-type: none"> • Quando estiver implícito "à moda de": móveis à Luís 15; • Quando subentendido termo feminino: vou à [praça]João Mendes 	Viajar a convite, traje a rigor, passeio a pé, sal a gosto, TV a cabo, barco a remo, carro a álcool etc.	
Antes de verbos		Disposto a colaborar.	
Antes de pronomes		<p>Antes da maior parte deles:</p> <p>Disse a ela que não virá; nunca se refere a você.</p>	<p>Pronomes possessivos:</p> <p>Enviou a carta à sua família. Enviou a carta a sua família.</p>
Quando "a" vem antes de plural		A pesquisa não se refere a mulheres casadas.	
Expressões formadas por palavras repetidas		Cara a cara; ponta a ponta frente a frente; gota a gota.	
Depois de "para", "até", "perante", "com", "contra" outras preposições		O jogo está marcado para as 16h; foi até a esquina; lutou contra as americanas.	

Caso	Uso obrigat írio	Uso proibitivo	Uso facultativo
Antes de cidades, Estados, países	<ul style="list-style-type: none"> • Foi à Itália (voltou da Itália). • Chegou à Paris dos poetas (voltou da Paris dos poetas). 	<ul style="list-style-type: none"> • Foi a Roma (voltou de Roma). • Foi a Paris (voltou de Paris). 	
Locuções adverbiais, conjuntivas ou prepositivas de base feminina	Às vezes, às pressas, à primeira vista, à medida que, à noite, à custa de, à procura de, à beira de, à tarde, à vontade, às cegas, às escuras, às claras, etc.		Locuções femininas de meio ou instrumento: À vela/a vela; à bala/a bala; à vista/a vista; à mão/a mão. (Prefira crase quando for preciso evitar ambigüidade: Receber à bala).
Aquele, aqueles, aquilo, aquela, aquelas	<ul style="list-style-type: none"> • Referiu-se àquilo; • Foi àquele restaurante; • Dedicou-se àquela tarefa. 		
Com demonstrativo "a"	<ul style="list-style-type: none"> • A capitania de Minas Gerais estava ligada à de São Paulo; • Falarei às que quiserem me ouvir. 		

Fonte: Manual da Redação do jornal Folha de S.Paulo.

Uso da Vírgula - Tabela apresenta os casos principais

Entre sujeito e predicado ou entre predicado e sujeito	O ministro das Relações Exteriores da França está em Brasília/ Está em Brasília o ministro das Relações Exteriores da França.
Entre verbo e seu(s) complemento(s)	O presidente disse aos governadores que não aceita a proposta; O ministro informou aos jornalistas que não participará da entrevista; O ministro apresentou todos os projetos de privatização aos investidores presentes.
Vírgula obrigatória	Exemplo
Depois de orações adverbiais antepostas	Se não chover, haverá jogo; Quando a economia entrou em colapso, o ministro renunciou; Ao deixar o governo, o prefeito voltará a dar aulas na universidade.
Antes do que que introduz oração explicativa	Nosso time, que ganhou o torneio neste ano, foi vice dessa competição em 55 e 56.
Quando há elipse do verbo	Os cariocas preferem praia; os paulistas, shopping.
Para separar conjunções contíguas	Irá a São Paulo, mas, se não receber o cachê antes, não cantará; Disse que, quando for a Brasília, tentará uma audiência com o presidente.
Antes de mas (com sentido de porém), porém, contudo, entretanto, todavia, portanto, por isso etc	Jogou bem, mas perdeu; Estudou, porém foi reprovado; O acordo não será renovado, portanto os empregos serão mantidos.
Antes de e que introduza oração de sujeito diferente do da anterior, se, sem a vírgula, houver a possibilidade de entender o sujeito da segunda oração como complemento do verbo da primeira	Fifa pune Maradona, e Pelé recebe prêmio.
Para separar adjuntos adverbiais de natureza diferente	Ontem à noite, no Pacaembu, sem sete titulares, sob chuva forte, o Corinthians derrotou o Juventude.
Vírgula optativa	Exemplo
Com expressões adverbiais breves, antepostas ou intercaladas	O São Paulo enfrenta neste sábado mais um desafio (ou O São Paulo enfrenta, neste sábado, mais um desafio); O governador participará em Brasília de uma reunião com o ministro da Fazenda (ou O governador participará, em Brasília, de uma reunião com o ministro da Fazenda).
Depois de no entanto, entretanto, por isso, porém, contudo, portanto, todavia, quando essas palavras ou expressões iniciarem o período	No entanto o presidente deixou claro que não aceitará a proposta da oposição (ou No entanto, o presidente deixou claro que...).
Atenção: essa opção não existe quando essas palavras ou expressões não iniciarem o período	O presidente aceita participar da reunião, no entanto avisa que não aceitará a proposta da oposição.
Antes de orações adverbiais de alguma extensão que venham depois da principal	O prefeito deixará o partido se a Câmara aprovar a CPI sobre títulos públicos (ou O prefeito deixará o partido, se a Câmara aprovar a CPI dos títulos públicos); O jogador não disputará a próxima partida porque foi suspenso pelo Tribunal de Justiça da CBF (ou O jogador não disputará a próxima partida, porque foi suspenso pelo Tribunal de Justiça da CBF).

Dúvidas mais comuns

Por que/porque

Nas interrogativas, sejam diretas ou indiretas, usa-se por que (advérbio interrogativo).	
Exemplos	Por que ele foi embora? (interrogativa direta)
	Queremos saber por que ele foi embora. (interrogativa indireta)
Porque estabelece uma causa. (conjunção subordinativa causal)	
Exemplo	Ele foi embora porque cansou daqui.
Porque propõe uma explicação e é equivalente a pois. (conjunção coordenativa explicativa)	
Exemplo	Não vá porque você é útil aqui.
Porque explicita uma finalidade, sendo equivalente a para que. (conjunção subordinativa final) Trata-se de um uso pouco comum no português do Brasil.	
Exemplo	Ele mentiu porque o deixassem sossegado.
Por que pode equivaler a pelo qual, pela qual pelos quais, pelas quais, sendo o que, nesse caso, um pronome relativo.	
Exemplo	Aquele é o quadro por que ela se apaixonou.
Em final de frase ou quando a expressão estiver isolada, usa-se por quê .	
Exemplos	Ele foi embora por quê?
	Você é a favor ou contra? Por quê?
Equivalento a causa, motivo, razão, porquê é um substantivo. Neste caso ele é precedido pelo artigo o.	
Exemplo	Não quero saber o porquê de sua recusa.

Hífen- Regras Gerais

1. nas palavras compostas em que os elementos da composição têm acentuação própria e formam uma unidade significativa: **guarda-roupa, beija-flor, bem-te-vi**;
2. com a partícula denotativa **eis** seguida de pronome pessoal átono: **eis-me, eis-vos, eis-nos, ei-lo** (com a queda do **s**);
3. nos adjetivos compostos: **surdo-mudo, afro-brasileiro, sino-luso-brasileiro**;
4. nos vocábulos formados pelos sufixos **Açu, guaçu** e **mirim**, se o primeiro elemento terminar com uma vogal acentuada graficamente ou for anasalada: **sabiá-açu, acará-guaçu, capim-açu**;
5. em vocábulos formados por prefixos que têm acentuação: **pré-história, pós-operatório, pró-socialista**;
6. com os **prefixos** do quadro abaixo (mas observe que haverá hífen diante de determinadas letras):

Prefixos	Diante de	Exemplos:
auto, contra, extra, intra, infra, neo, proto, pseudo, semi, supra, ultra	vogal, h, r e s	auto-escola, contra-ordem, extra-oficial, intra-renal, infra-som, neo-republicano, proto-revolucionário, pseudo-revelação, semi-selvagem, supra-humano, ultra-som
ante, anti, aqui, sobre, hiper, inter, super	h, r e s	ante-histórico, anti-rábico, ante-sala, anti-higiênico, aqui-rabino, sobre-solar, hiper-sensível, inter-regional, super-homem, sub-raça
sub	b e r	sub-bosque, sub-região
circum, pan, mal	vogal e h	circum-adjacente, pan-americano, mal-educado, mal-humorado
ad, ab, sob	r	ad-renal, ab-rogar, sob-roda
além, aquém, recém, sem, sota, soto, vice, ex (= anterioridade)	qualquer palavra	além-mar, aquém-mar, recém-casado, sem-terras, soto-capitão, ex-aluno

Observações:

a) Fugindo à regra, a palavra **extraordinário** escreve-se sem hífen.

b) Nos compostos com o prefixo **bem**, usa-se hífen quando o segundo elemento tem vida autônoma ou quando a pronúncia assim o exigir.

Exemplos: bem-vindo, bem-estar, bem-aventurado, etc.

c) O prefixo **sobre** apresenta algumas exceções.

Exemplos: sobressair, sobressalto, sobressalente, etc.

d) O prefixo **co** é seguido de hífen quando tem o sentido de "a par" ou "juntamente" e o segundo elemento tem vida autônoma.

Exemplos: co-aluno, co-autor, co-proprietário.

Existem, no entanto, inúmeras composições consagradas pelo uso em que não se usa o hífen.

Exemplos: coexistir, colateral, correlação, coabitar, coadjuvante, etc.

Há ou a?

1) Usa-se "a" quando a palavra referir-se a:

a. tempo futuro do verbo. Exemplo:

Daqui a dois anos, vamos mudar de cidade.

b. distância. Exemplo:

O bar fica a duas quadras da casa dele.

2) Usa-se "há" quando

a. se tratar do verbo haver. Exemplo:

Há uma boa quadra no prédio.

b. for referência a tempo passado. Exemplo:

Há muitos anos que não nos víamos.

Diferença entre mal e mau

"Mal" é oposto de "bem". Exemplo:

Ele é mal pago.

"Mau" é oposto de "bom". Exemplo:

Ele é mau profissional.

"Mal" pode ser advérbio, como ocorre na frase:

Aquele jogador joga **mal**

em que "mal" designa o modo como alguém joga.

"Mal" também pode ser substantivo:

Nunca pratique o **mal**; pratique sempre o bem.

E o terceiro valor gramatical da palavra "mal"? É o de conjunção indicativa de tempo e equivalendo a "logo que", "assim que", "imediatamente depois que":

Assim que você saiu
Logo que você saiu
Mal você saiu, ela chegou

Esse "mal" se escreve com "l" e é conjunção.

Outra dúvida em relação a essa palavrinha diz respeito a sua grafia. Isso ocorre porque também existe "mau", com "u". Para resolver essa questão, há uma dica muito útil: "mau" com "u" se opõe a "bom"; "mal" com "l" se opõe a "bem".

Fulano joga **bem**.
Fulano joga **mal**.

Fulano é **bom** jogador.
Fulano é **mau** jogador.

Caso você esqueça quem é o contrário de quem, coloque em ordem alfabética: "mal" vem antes de "mau" e "bem" vem antes de "bom". Pronto: está resolvido o assunto.

Mais ou mas?

1) "Mais" é o contrário de menos, pois indica quantidade. Exemplo:

Grite menos e argumente mais.

2) "Mas" equivale a "porém", "contudo", "todavia", pois é uma conjunção adversativa (indica oposição). Exemplo:

Ele chegou cedo, mas demorou para começar a trabalhar.

Meio ou meia?

1) Use "meio" quando for equivalente a "um pouco" ou "mais ou menos". Trata-se de um advérbio, por isso é invariável (não muda no plural nem no feminino). Exemplos:

O vitrô ficou meio aberto.

A janela ficou meio aberta.

As janelas ficaram meio abertas.

2) Use "meio" quando for equivalente a "metade". É adjetivo, por isto é variável (muda no feminino e no plural). Exemplos:

Andaram meio quilômetro dentro do mato.

Andaram meia légua antes de encontrarem água.

Agora é meio-dia e meia (hora).

Em vez de ou invés de?

1) "Em vez de" significa "em lugar de". Exemplo:

Em vez de falar, ande logo.

2) "Ao invés" de significa "ao contrário de". Exemplo:

Ao invés de argumentar, começou logo a bater em todo mundo.

A par ou ao par?

1) A par significa "informado", "ciente". Exemplo:

Eu realmente estava a par da negociação salarial.

2) Ao par diz respeito a "câmbio", indicando "moeda ou título de valor idêntico". Exemplo:

O marco alemão está ao par do dólar.

A fim de ou afim?

1) A fim de indica "finalidade" e corresponde a "para". Exemplo: Chegamos cedo a fim de resolvermos tudo antes de viajar.

2) Afim corresponde a "semelhante". Exemplo: A dança e a música são artes afins.

Se não ou senão?

senão = do contrário / caso contrário

Exemplo:

Faça isso, **senão** haverá problemas.
Faça isso, **do contrário** haverá problemas.
Faça isso, **caso contrário** haverá problemas.

Já a combinação das palavras "se" e "não" tem outro significado. "Se" é uma conjunção condicional, isto é, uma conjunção que indica condição.

Se não chover, irei à sua casa.
Caso não chova, irei à sua casa.

Nesse caso, a dica é simples: substitua mentalmente o "**se não**" por "**caso não**". Se for o sentido desejado, escreva "se" e "não" **separadamente**.

O QUE MUDA COM A REFORMA DA LÍNGUA PORTUGUESA

da Folha de S.Paulo em 20/08/2007

As novas regras da língua portuguesa devem começar a ser implementadas em 2008. Mudanças incluem fim do trema e devem mudar entre 0,5% e 2% do vocabulário brasileiro. Veja abaixo quais são as mudanças.

HÍFEN

Não se usará mais:

1. quando o segundo elemento começa com s ou r, devendo estas consoantes ser duplicadas, como em "antirreligioso", "antissemita", "contrarregra", "infrassom". Exceção: será mantido o hífen quando os prefixos terminam com r -ou seja, "hiper-", "inter-" e "super-"- como em "hiper-requintado", "inter-resistente" e "super-revista"
2. quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa com uma vogal diferente. Exemplos: "extraescolar", "aeroespacial", "autoestrada"

TREMA

Deixará de existir, a não ser em nomes próprios e seus derivados

ACENTO DIFERENCIAL

Não se usará mais para diferenciar:

1. "pára" (flexão do verbo parar) de "para" (preposição)
2. "péla" (flexão do verbo pelar) de "pela" (combinação da preposição com o artigo)
3. "pólo" (substantivo) de "polo" (combinação antiga e popular de "por" e "lo")
4. "pélo" (flexão do verbo pelar), "pêlo" (substantivo) e "pelo" (combinação da preposição com o artigo)
5. "pêra" (substantivo - fruta), "péra" (substantivo arcaico - pedra) e "pera" (preposição arcaica)

ALFABETO

Passará a ter 26 letras, ao incorporar as letras "k", "w" e "y"

ACENTO CIRCUNFLEXO

Não se usará mais:

1. nas terceiras pessoas do plural do presente do indicativo ou do subjuntivo dos verbos "crer", "dar", "ler", "ver" e seus derivados. A grafia correta será "creem", "deem", "leem" e "veem"
2. em palavras terminados em hiato "oo", como "enjôo" ou "vôo" -que se tornam "enjoo" e "voo"

ACENTO AGUDO

Não se usará mais:

1. nos ditongos abertos "ei" e "oi" de palavras paroxítonas, como "assembléia", "idéia", "heróica" e "jibóia"
2. nas palavras paroxítonas, com "i" e "u" tônicos, quando precedidos de ditongo. Exemplos: "feiúra" e "baiúca" passam a ser grafadas "feiura" e "baiuca"
3. nas formas verbais que têm o acento tônico na raiz, com "u" tônico precedido de "g" ou "q" e seguido de "e" ou "i". Com isso, algumas poucas formas de verbos, como averigúe (averiguar), apazigúe (apaziguar) e argúem (arg(ü/u)ir), passam a ser grafadas averigue, apazigue, arguem

GRAFIA

No português lusitano:

1. desaparecerão o "c" e o "p" de palavras em que essas letras não são pronunciadas, como "acção", "acto", "adopção", "óptimo" -que se tornam "ação", "ato", "adoção" e "ótimo"
2. será eliminado o "h" de palavras como "herva" e "húmido", que serão grafadas como no Brasil -"erva" e "úmido"